



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**QUESTÕES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES NA
EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO
DE CASO**

TATIANA AZEVEDO TRINDADE

ORIENTADORA: SÍLVIA URMILA ALMEIDA SANTOS

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

TATIANA AZEVEDO TRINDADE

QUESTÕES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Desenvolvimento Humano,
Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Sílvia Urmila Almeida Santos

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

TATIANA AZEVEDO TRINDADE

QUESTÕES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE CASO

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

SÍLVIA URMILA ALMEIDA SANTOS (Orientadora)

FERNANDA CUPOLILLO MIANA DE FARIA (Examinadora)

TATIANA AZEVEDO TRINDADE (Cursista)

BRASÍLIA/2015

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ter sido meu porto seguro. Dedico, também, aos meus familiares e amigos que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e acreditando em mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelas bênçãos derramadas ao longo da minha vida.

Aos meus pais, pelo apoio e colaboração e por terem acreditado e investido na minha formação acadêmica.

Aos meus irmãos, Isael, Lucineia e Vera Lúcia, pelo companheirismo e incentivo.

Ao pastor Sílvio Martins, agradeço pelas orações.

Aos meus colegas de turma, pelas amizades que foram construídas no decorrer do curso, principalmente Sara Costa, Lídia Pinto, Valkiria Dourado, companheiras inseparáveis no meu processo formativo, meu agradecimento pela companhia e parceria ao longo desta formação.

À tutora e orientadora, Sílvia Urmila Almeida Santos, pela paciência, ajuda, colaboração e dedicação ao longo das orientações.

Enfim, agradeço a todos os meus amigos que também contribuíram para a realização deste estudo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o trabalho do professor de ensino fundamental no âmbito da educação inclusiva, tendo como contexto uma escola pública do município de Carinhanha (BA), a fim de identificar as principais questões, desafios, dificuldades, anseios e dúvidas destes profissionais em relação à educação de alunos com Síndrome de Down. O estudo foi embasado em fontes teóricas, tais como Vigotski (1998), Nóvoa (2003), Carvalho (2008), Minayo (1994), Cruz (2011), Maciel e Raposo (2010), Silva e Dessen (2002), dentre outros autores que investigam a temática. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e teve como instrumento de investigação um questionário semiestruturado, formado por três categorias de análise e composto por 12 questões abertas. O questionário foi aplicado para quatro professoras de ensino fundamental que atuam com alunos com Síndrome de Down. A análise dos dados coletados foi realizada à luz da fundamentação teórica utilizada nesta pesquisa e apontou que, de forma geral, as professoras não se sentem totalmente preparadas para enfrentar os desafios relativos à educação de alunos com Síndrome de Down, no entanto, acreditam que a inclusão é importante e necessária. Os resultados da análise apontaram, também, que, na opinião dessas educadoras, a escola ainda não está apta para receber esses alunos, devido a fatores como: inexperiência por parte dos docentes, ausência de recursos pedagógicos, estrutura física da escola inadequada, dentre outros.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Síndrome de Down. Educação inclusiva.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
1.1 O papel do professor na educação inclusiva	10
1.2 Breves questões sobre a inclusão escolar de alunos com Síndrome de Down	12
CAPÍTULO 2: OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo geral	17
2.2 Objetivos específicos	17
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	18
3.1 Fundamentações teóricas da metodologia	18
3.2 Contexto da pesquisa	19
3.3 Participantes.....	20
3.4 Materiais	21
3.5 Instrumentos de construção de dados	21
3.6 Procedimentos de construção de dados	22
3.7 Procedimentos de análise de dados.....	23
CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1 Formação docente	24
4.2 A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais	25
4.3 O professor e o trabalho docente com alunos com Síndrome de Down	27
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES (MODELO).....	37
ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	41
ANEXO B – CARTA DE ACEITE INSTITUCIONAL	42
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSOR	43

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem a intenção de investigar quais são as questões e os desafios enfrentados pelos professores de ensino fundamental na educação de alunos com Síndrome de Down, a partir de um estudo de caso realizado em uma escola pública do município de Carinhanha (BA).

O objetivo principal foi refletir sobre o trabalho do professor no âmbito da educação inclusiva, a fim de identificar as principais questões, desafios, dificuldades, anseios e dúvidas destes profissionais em relação à educação de alunos com Síndrome de Down.

A escolha por este tema surgiu a partir de discussões realizadas com um grupo de professores de uma escola rural localizada em Carinhanha, que se questionavam acerca das questões e dificuldades enfrentadas ao trabalharem com a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). Por esta razão, decidi investigar mais profundamente o tema, a fim de identificar com mais clareza quais são essas questões, dificuldades e desafios enfrentados por esses educadores no cotidiano da sala de aula. Cabe lembrar que é somente por meio da identificação dessas questões que é possível propor melhorias e transformações nas práticas pedagógicas.

Outra motivação para a realização desta pesquisa é a minha experiência como docente. Sou professora de uma escola em Carinhanha, graduada em pedagogia, e possuo oito anos de docência. Nos anos de 2012 e 2013, recebi uma turma com alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. O primeiro ano não foi nada fácil, pois não recebi nenhuma orientação ou suporte pedagógico para atender a esses alunos. No dia em que assumi a turma, os professores me disseram logo que “tais alunos não sabiam ler nem escrever, que eram agressivos e que costumavam sair sem pedirem licença”. No começo, fiquei um pouco traumatizada, já entrei na escola com aquela impressão nada agradável sobre os alunos. No entanto, logo fui me adaptando à turma e conhecendo a realidade de cada um deles. Comecei a utilizar recursos tais como jogos didáticos, brinquedos e brincadeiras nas atividades diárias, e então fui percebendo o desenvolvimento e o comportamento entusiasmado dos alunos. Assim, cheguei à conclusão de que trabalhar com alunos com NEE não era algo “de outro mundo” e que não há receitas prontas, pois cada caso é um caso. Também, percebi que não basta atender às exigências legais, é necessário investir na capacitação dos professores para trabalharem com educação inclusiva.

A metodologia empregada nesta pesquisa é de cunho qualitativo, pois esta abordagem tem caráter exploratório e possibilita o contato direto do pesquisador com o objeto investigado e a situação. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: um questionário semiestruturado, formado por três categorias de análise e composto por 12 questões abertas; e observações da estrutura física e material da escola. O estudo foi embasado em fontes teóricas, tais como Vigotski (1998), Nóvoa (2003), Carvalho (2008), Minayo (1994), Cruz (2011), Maciel e Raposo (2010), Silva e Dessen (2002), dentre outros autores que investigam a temática.

Para finalizar esta apresentação, é importante ressaltar que este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro traz os pressupostos teóricos utilizados nesta pesquisa. Já o segundo, trata dos objetivos gerais e específicos almejados por este trabalho. Por sua vez, o terceiro capítulo expõe a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. O quarto capítulo apresenta os resultados e a discussão teórica dos dados coletados. Finalmente, o quinto e último capítulo tece as conclusões as quais chegou-se com esta pesquisa.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O papel do professor na educação inclusiva

Houve uma época em que o fato de ser professor significava possuir uma identidade carregada de orgulho profissional e gozar de total prestígio na sociedade. Porém, com as mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas nas últimas décadas, tudo mudou, alterando, significativamente, o sistema educativo e o perfil do professor.

Facion (2009, p. 143) aponta as mudanças sociais determinantes para o aumento das tensões sofridas pelos professores:

- A modificação do papel do professor e dos agentes tradicionais de integração social.
- As mudanças sociais em torno de sua figura.
- A incerteza acerca dos objetivos do sistema educacional e da longevidade ou utilidade do conhecimento.
- A deterioração da imagem do professor.

Nesse sentido, o professor, em seu cotidiano, é desafiado a corresponder às novas expectativas projetadas sobre ele, o que amplia sua missão para além da sala de aula, a fim de garantir a articulação entre a escola e a comunidade. Ele deve ensinar e participar da gestão do planejamento escolar, o que significa uma dedicação mais ampla.

Outras dificuldades enfrentadas pelos professores, hoje em dia, é a carência de recursos, tais como: materiais didáticos, espaço físico da escola, oferta de curso de especialização e aperfeiçoamento profissional e acessibilidade adequada ao aluno com NEE à sala de aula. Como se sabe, a maioria das escolas ainda não estão adequadas ao acesso de todos, como, por exemplo, com disponibilidade de rampas e banheiros adaptados. No entanto, sabemos que as escolas brasileiras são obrigadas, por lei, a realizarem as modificações necessárias para atender aos requisitos da acessibilidade. De acordo com Facion (2009, p. 147):

Para que verdadeiramente estabeleça uma educação de qualidade para todos é fundamental a participação ativa do professor. Pois o êxito da sua atividade é direcionado pelas suas condições de trabalho, formação, competência pedagógica, habilidades e avaliações periódicas das estratégias metodológicas utilizadas. Todos esses elementos devem ser levados em consideração para o sucesso da inclusão.

Podemos observar, atualmente, que o professor aplica em sua prática diária muito pouco do que aprendeu na universidade ou faculdade, em consequência da jornada excessiva de trabalho e da falta de cursos de aperfeiçoamento profissional e materiais pedagógicos. Como consequência, pode ser que isso deixe o professor mais ansioso, já que na graduação aprendeu apenas a lidar com a teoria, sem ter acesso de fato às práticas pedagógicas relacionadas aos alunos com necessidades educacionais especiais.

A educação exige que o docente seja capaz de organizar as várias situações de aprendizagem, considerando a diversidade dos alunos. Ao desenvolver seu planejamento, ele tem de pensar no que está organizando e para quem. Em última instância, as necessidades de cada aluno não devem ser vistas de forma isolada, mas como partes do sistema regular de ensino.

Embora os profissionais da educação se preocupem em repensar sua prática pedagógica, é necessária uma reflexão a mais, no sentido de que entendam que, para desenvolver um trabalho diferenciado, é imprescindível atender a todos os educandos, considerando as especificidades de cada um. No âmbito da educação inclusiva, o professor desempenha um papel primordial, pois é papel dele promover um ensino igualitário e sem desigualdade.

Nesse sentido, é importante conhecer quais são os avanços e as dificuldades enfrentados pelos professores na prática da educação inclusiva, pois podemos perceber, no cotidiano em sala de aula, que as escolas regulares, em sua maioria, não possuem ainda um ambiente adequado para a inclusão de alunos com NEE. De acordo com Mantoan (1997, p. 120 apud DA SILVA; ARRUDA, 2014, p. 7):

[...] a inclusão é um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas e, assim sendo, a inclusão escolar de pessoas deficientes torna-se uma consequência natural de todo um esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais do ensino básico.

Tendo em vista o exposto acima, é fundamental pensar no professor como agente mediador do conhecimento, como um profissional que respeita as diferenças, pois cada aluno reage de acordo com a sua personalidade, seu estilo de aprendizagem, sua experiência de vida, dentre outros fatores.

O receio de muitas escolas em receber alunos com necessidades educacionais especiais ainda se dá devido à falta de experiência que os professores possuem em relação a trabalhar a diversidade em sala de aula, visto que, na maioria das vezes, tentam fazer com que aquele aluno mude de sala, antes mesmo de saber quais são as suas possibilidades de aprendizagem.

Dessa forma, a educação inclusiva exige que o professor não veja o aluno como culpado, mas, sim, como um ser capaz de aprender. É necessário, ainda, que a escola ofereça uma educação de qualidade a todos, sem excluir, valorizando a cultura anterior do aluno e identificando seu estilo de aprendizagem.

Assim, faz-se necessário que os professores participem de cursos de especialização e de aperfeiçoamento profissional. Além disso, é necessário que conheçam as reais necessidades de seus alunos, no sentido de desenvolver estratégias verdadeiramente inclusivas. O êxito das escolas inclusivas depende muito do comprometimento de todos os envolvidos neste processo, principalmente dos professores, que são os que desempenham um papel diretamente com os alunos. Se o professor acreditar que incluir é superar barreiras, no sentido de tornar verdadeiramente possível a troca no processo de construção do saber e do sentir, ele estará exercendo seu papel fundamental de assegurar a educação inclusiva.

1.2 Breves questões sobre a inclusão escolar de alunos com Síndrome de Down

Silva e Dessen (2002) definem que a Síndrome de Down é uma cromossomopatia, ou seja, um acidente genético cujo quadro clínico global é explicado por um desequilíbrio na constituição cromossômica (neste caso, a presença de um cromossomo 21 extra), caracterizando, assim, uma trissomia livre ou simples.

A Síndrome de Down, ainda de acordo com Silva e Dessen (2012), é um acidente genético que pode ocorrer no óvulo, no espermatozoide ou após a união dos dois, provocando a alteração cromossômica. Ocorre quando a criança nasce dotada de três cromossomos 21, e

não dois, conforme ocorre comumente. Isso leva à produção exagerada de proteína, desregulando a química do organismo e provocando sérios problemas.

Segundo Dessen e Silva (2012), a Síndrome de Down é uma alteração genética, ou seja, não é uma doença. A causa dessa alteração ainda não é conhecida, isto é, os pesquisadores e médicos ainda não sabem explicar por que aparece um cromossomo a mais. Ele pode vir tanto da mãe quanto do pai. A Síndrome de Down está presente em todas as raças, classes sociais e países do mundo, ou seja, pode ocorrer com qualquer ser humano.

As pessoas com Síndrome de Down possuem dificuldade intelectual, podendo apresentar um desenvolvimento mental mais lento em relação às pessoas sem a Síndrome. De acordo com Alves (2007, p. 38), “a Síndrome de Down é classificada por uma deficiência mental, a qual não pode preestabelecer o limite do indivíduo, mas existe a grande possibilidade de desenvolvimento”.

A maioria dos casos são dificuldades que afetam todas as capacidades: linguagem, autonomia, motricidade e integração social. Vale mencionar que as pessoas com Síndrome de Down podem ter uma vida longa e plena de conquistas. Elas só precisam de oportunidades para que possam descobrir suas habilidades. Nesse sentido, o ambiente escolar é um local em podem descobrir essas habilidades e se tornarem independentes, pois toda criança, com ou sem deficiência, tem o direito de ser incluída na escola regular. Assim, cabe aos profissionais da instituição escolar se adequar às necessidades de cada aluno, proporcionando-lhes uma educação de qualidade.

Para Vigotski (1998, p. 129), “aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar [...], mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança”. De acordo com o autor, as crianças, quando chegam pela primeira vez à escola, já apresentam noções de conhecimentos, e esses conhecimentos surgem da interação do meio em que vivem.

A criança com Síndrome de Down tem possibilidade de evoluir, executar atividades no cotidiano e conseguir uma formação profissional. Isso tudo vai depender do estímulo que recebe na escola, por meio do convívio e contato com colegas, e de estratégias utilizadas pelos professores em sala de aula. Nesse sentido, o incentivo às crianças é um dos recursos essenciais para a resolução de problemas e o desenvolvimento de sua independência.

Segundo Pinto (1997, p. 65):

[...] reconhecer a diferença no outro, criança, implica nos reconhecermos nos nossos limites, nas nossas faltas, na nossa incompletude permanente e, ao mesmo tempo, requer a construção de um novo modo de organização institucional capaz de acolher e elaborar o inesperado. Para isso, é preciso aprender as múltiplas linguagens através das quais as crianças se expressam, é preciso aprender a escutar, registrar e representar as vozes, os movimentos das crianças, é preciso instaurar tempos e espaços para diversidade de diálogos verbais, gestuais e afetivos nos processos de educação e cuidados das crianças.

Com base na citação acima, compreender as diferenças é fundamental, pois a partir do momento em que o educador reconhece os limites e as dificuldades das crianças, ele buscará estratégias que venham a melhorar o desempenho, principalmente daqueles que apresentam evolução mais lenta. Por isso, faz-se necessário que os sistemas educacionais se transformem em um ambiente mais inclusivo, justo e democrático, que atenda a todos sem discriminação.

De acordo com Nóvoa (2003, p. 23), “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente”. Para esse autor, o aprender acontece de maneira coletiva. A troca de experiências e a divisão de saberes promovem a formação mútua.

Considerando o trabalho pedagógico na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, Carvalho (2003, p. 59) diz que “[...] a predisposição dos professores frente à diversidade tem um papel decisivo na compreensão das diferenças individuais, em sua aceitação e respeito, criando, removendo ou intensificando os obstáculos já existentes”. Porém, nem sempre esses profissionais estão preparados para tal desafio. Diante disso, o desafio proposto ao professor na inclusão do aluno com NEE também está, muitas vezes, relacionado à sua própria formação inicial, que necessita de atualização frente às exigências da perspectiva da educação inclusiva. Sua experiência no campo de atuação, por maior que seja, às vezes, não basta para compreender a diversidade, fazendo-se necessária a formação continuada e uma postura criativa frente aos problemas. Ainda segundo o autor:

A educação das pessoas com Síndrome de Down, desde o seu princípio, deve objetivar sua autonomia individual na idade adulta. Para isso não é necessário um modelo de educação específico para essas pessoas, e sim um modelo educativo que respeite a diversidade cognitiva e cultural. É fundamental que os indivíduos integrantes do contexto social e cultural em que cada pessoa vive conheçam, compreendam e respeitem a diferença (CARVALHO, 2008, p. 72).

Em última instância, as pessoas com Síndrome de Down necessitam de uma educação que desenvolva sua aptidão e que a estimule a aprender de uma forma dinâmica, pois cada pessoa possui um limite e um estilo de aprendizagem. Sob essa perspectiva, o professor deve respeitar o tempo de aprendizagem do seu alunado.

Conforme Milani (2005, p. 50):

As conexões cerebrais das crianças portadoras da Síndrome de Down são mais lentas e fracas e por isso requerem mais repetições. A integração entre a ordem verbal e a resposta é difícil, porque a criança precisa fazer uma síntese entre a fala, a instrução e a ação.

Como o meio escolar é rico em experiências, pode ter um papel de grande relevância no desenvolvimento da linguagem/comunicação, desenvolvimento pessoal e social da criança. A troca interativa com pessoas mais experientes permite que a criança observe como as palavras são pronunciadas, como é feita a classificação das coisas, pessoas, objetos e isso contribui aos poucos para o raciocínio, melhorando a persistência nas ações cognitivas e motoras, tanto relativas à fala quanto à escrita.

Masini (2000 apud VOIVODIC, 2004, p. 34) adverte que é necessário um preparo cuidadoso, em vários níveis e aspectos, para que ocorra a inclusão, assinalando alguns fatores importantes para isso:

- Necessidade de que cada educador conheça seus próprios limites pessoais e de formação e saiba em que medida pode contribuir para a inclusão da criança deficiente.
- As condições e limites de cada escola sejam examinados.
- As formas possíveis para que o processo de inclusão se realize em benefício da criança deficiente sejam analisadas.
- Os projetos educacionais se façam numa dialética teoria/prática, numa constante avaliação do que ocorre com a criança deficiente.

Diante do exposto acima, para que a inclusão dos alunos com Síndrome de Down de fato aconteça nas escolas regulares, é necessário que os professores estejam atualizados, informados e envolvidos na busca do conhecimento específico para atuar junto a esses alunos. Nessa perspectiva, cabe à escola incluir nos projetos educacionais ações que favoreçam o desenvolvimento dos alunos, independentemente de suas diferenças e/ou necessidades. E que

estas ações não fiquem somente na teoria, mas que aconteçam na prática. No entanto, a sociedade e as instituições escolares precisam, de uma forma geral, enxergar as pessoas com Síndrome de Down como realmente são: pessoas diferentes, mas talentosas, e que precisam de oportunidades para mostrar suas habilidades.

CAPÍTULO 2: OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Refletir sobre o trabalho do professor de ensino fundamental no âmbito da educação inclusiva, tendo como contexto uma escola pública do município de Carinhanha (BA), a fim de identificar as principais questões, desafios, dificuldades, anseios e dúvidas destes profissionais em relação à educação de alunos com Síndrome de Down.

2.2 Objetivos específicos

- Analisar a importância do papel do professor no contexto da inclusão escolar de alunos com Síndrome de Down no ensino regular.
- Verificar se o professor que atua junto a alunos com Síndrome de Down, no âmbito do ensino regular, busca utilizar, em sala de aula, propostas pedagógicas de acordo com as especificidades do aluno.
- Conhecer, do ponto de vista do professor, a relevância da interação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1 Fundamentações teóricas da metodologia

O presente estudo insere-se em uma abordagem qualitativa. Este tipo de pesquisa possibilita o contato direto, e de longa duração, do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, com a finalidade de que os fatos e os acontecimentos possam ser descritos e depois interpretados.

Segundo Minayo (1994, p. 21-22), a pesquisa qualitativa pode ser entendida da seguinte forma:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...] ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...].

Com base na citação acima, pode-se perceber que a pesquisa qualitativa é a mais indicada para investigar, analisar e interpretar a realidade social dos sujeitos, pois, segundo o autor, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitude.

De acordo com Maciel e Raposo (2010, p. 81), a pesquisa qualitativa “possui um caráter essencialmente teórico, é vista como uma construção sistemática que é permanentemente confrontada com a multiplicidade de ideias das quais resultam um conjunto de alternativas que se expressam na investigação científica”. Nesse sentido, Cruz (2011, p. 21) também define o que é pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa é basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, ela trabalha com descrições, comparações, interpretações e atribuição de significados possibilitando investigar valores, hábitos, atitudes e opiniões de indivíduos ou grupos. Permite que o pesquisador se aprofunde no estudo do fenômeno ao mesmo tempo em que tem o ambiente natural como fonte direta para coleta de dados.

A pesquisa qualitativa, portanto, demonstra que a realidade e o sujeito são elementos inseparáveis, pois o investigador procura espaço para fazer um levantamento de forma clara e ligado ao fenômeno estudado.

Conforme já dito anteriormente, buscou-se, por meio desta pesquisa, refletir sobre o trabalho do professor de ensino fundamental no âmbito da educação inclusiva, a fim de identificar as principais questões, desafios, dificuldades, anseios e dúvidas destes profissionais em relação à educação de alunos com Síndrome de Down. Para tanto, a pesquisa concentrou-se no estudo de caso. De acordo com Yin (1994, p. 13), estudo de caso pode ser definido com base nas características do fenômeno em estudo e com base em um conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário semiestruturado. Na visão de Cruz (2011, p. 74), essa ferramenta dá mais flexibilidade ao entrevistador, possibilitando, assim, que o entrevistado tenha mais espontaneidade nas suas respostas, podendo, inclusive, colaborar e influenciar o conteúdo da pesquisa. Segundo Severino (2013, p. 125), destina-se “a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”. As questões que compõem o questionário são abertas, pois, desta maneira, “o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal” (SEVERINO, 2013, p. 126).

3.2 Contexto da pesquisa

A escola pública em que foi realizada esta pesquisa está localizada no município de Carinhanha (BA). A instituição possui um total de 380 alunos matriculados. Deste total: 1 aluno com deficiência auditiva, que lê e escreve por meio de leitura labial, cursa o 9º ano do ensino fundamental II; 1 aluno com esquizofrenia, que cursa o 8º ano do ensino fundamental II, não sabe ler e nem escrever; três alunos com Síndrome de Down, que cursam o 8º ano do ensino fundamental I – destes alunos com Síndrome de Down, somente um sabe ler e escrever, mas com dificuldade.

O corpo docente da escola é composto por 17 professores. Já a equipe pedagógica é composta por um diretor, um vice-diretor e uma secretária.

A escola funciona nos turnos matutino e vespertino (ensino fundamental, do 1º ao 9º ano) e noturno (Educação de Jovens e Adultos e ensino médio - extensão do Colégio Estadual de Carinhanha). A escola recebe alunos de vários assentamentos que ficam localizados no entorno dela. A pesquisa foi realizada com quatro professoras do ensino fundamental I que trabalham com alunos com Síndrome de Down. Dos 17 professores que compõem o quadro docente da escola: 15 têm curso superior completo; 1 professora está no 6º semestre de pedagogia; somente 1 professora tem somente o magistério.

A escola possui, em seu corpo de funcionários: 2 porteiros, 4 merendeiras e 3 faxineiras.

A instituição de ensino em que foi realizada esta pesquisa não possui profissionais para atendimento e orientação psicopedagógica aos alunos e professores. As condições físicas da escola são: 10 salas de aula, 1 biblioteca, 1 cantina, 1 secretaria, 3 banheiros, 1 sala de informática (contendo 15 computadores, mas sem internet).

Durante as observações realizadas na escola, foi possível notar que esta não possui estrutura física adequada para atender alunos com necessidades educacionais especiais; não tem espaço para as crianças brincarem, tem um pátio aberto ao sol, onde as crianças só podem brincar no período matutino, se o sol não estiver muito quente; não existem rampas que fornecem acesso ao pátio; as portas são inadequadas ao acesso por um cadeirante; e não tem Sala de Recursos Multifuncionais e nem tecnologia que facilite a vida dos alunos com NEE.

3.3 Participantes

Para realização deste trabalho, participaram da pesquisa quatro professoras do ensino fundamental I que trabalham com alunos com Síndrome de Down. Elas possuem idade entre 27 e 40 anos. Vejamos maiores informações sobre as participantes, no quadro a seguir:

Quadro 1: Participantes da pesquisa

Nome*	Escolaridade	Atuação (séries)	Tempo de docência	Tempo de atuação em docência com aluno com NEE
A. E	Graduada em pedagogia e possui especialização em progestão.	3º ano	14 anos	9 anos
E. M	Cursa o 6º semestre de pedagogia.	4º ano	5 anos	4 anos
V. S	Graduada em história.	4º ano	19 anos	5 anos
H. C	Graduada em geografia.	5º ano	19 anos	4 anos

Fonte: Elaborado pela autora/*Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

3.4 Materiais

Para realização desta pesquisa, foram utilizados os seguintes materiais:

- 1 computador;
- 1 impressora;
- Papel;
- Canetas;
- Bloco de anotações.

3.5 Instrumentos de construção de dados

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram: questionário semiestruturado e observações.

O questionário semiestruturado (Apêndice A) foi respondido pelas quatro professoras de ensino fundamental que atuam com alunos com Síndrome de Down. O questionário possui um total de 12 questões, composto por três categorias, são elas: Categoria 1 “Formação Docente; Categoria 2 “A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais

especiais; e Categoria 3 “O professor e o trabalho docente com alunos com Síndrome de Down”. Cabe ressaltar que o questionário foi construído previamente a partir de categorias de análise, a fim de facilitar a compreensão das perguntas por parte do sujeito participante, bem como para facilitar a construção da análise dos dados por parte do pesquisador.

As observações na escola foram realizadas entre os dias 27 de agosto e 2 de setembro do presente ano. Para Barros e Lehfeld (2000, p. 61):

Observar é aplicar atentamente os sentidos a um objeto para ele adquirir um conhecimento claro e preciso. É um procedimento investigativo de suma importância na ciência, pois é por meio dele que se inicia todo estudo dos problemas. Portanto, a observação deve ser exata, completa, sucessiva e metódica.

Nesse sentido, o trabalho de observação na escola e nas turmas das professoras participantes da pesquisa consistiu em um exame minucioso, possibilitou o registro de ações, atitudes e estratégias das docentes, no que se refere à educação de alunos com Síndrome de Down no ensino regular. Em todos esses dias de observação, utilizou-se um bloco de anotações.

3.6 Procedimentos de construção de dados

Primeiramente, buscou-se a diretora da escola para entrega da Carta de Apresentação (Anexo A) e da proposta do trabalho, bem como apresentar seus objetivos. A gestora demonstrou disponibilidade para contribuir com a pesquisa. Em seguida, foi entregue a Carta de Aceite Institucional (Anexo B), que a gestora imediatamente assinou e devolveu à investigadora.

Tendo a autorização para realizar a pesquisa, reuniu-se com os professores da escola, a fim de explicar os objetivos do estudo e averiguar quem poderia colaborar com o trabalho. Quatro professoras de ensino fundamental se dispuseram a participar da pesquisa. Nesse momento, foi entregue às docentes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C), para que lessem e assinassem. Após esclarecimentos, entregou-se às professoras os questionários para serem respondidos. As docentes demoraram, em média, quatro dias para devolvê-los preenchidos à pesquisadora.

3.7 Procedimentos de análise de dados

A pesquisa foi desenvolvida por meio de observações e da aplicação de um questionário semiestruturado às quatro professoras participantes. As perguntas tiveram como ponto de partida os objetivos almejados por esta pesquisa, tendo como foco principal refletir sobre o trabalho do professor de ensino fundamental no âmbito da educação inclusiva, tendo como contexto uma escola pública do município de Carinhanha (BA), a fim de identificar as principais questões, desafios, dificuldades, anseios e dúvidas destes profissionais em relação à educação de alunos com Síndrome de Down.

Os dados colhidos por meio do questionário foram analisados e interpretados, buscando descrever as respostas fornecidas pelos participantes. Dialogando com esses dados, tem-se as observações realizadas na escola e nas salas de aulas das docentes, as quais ajudaram na sistematização da análise e do resultado da pesquisa. A discussão dos dados foi fundamentada por meio da leitura dos autores que compõem o embasamento teórico deste trabalho.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, discorreremos acerca dos resultados e da discussão teórica dos dados coletados. Por meio dos questionários aplicados às professoras participantes da pesquisa, foi possível compreender aspectos relevantes para o estudo em questão.

Os questionários aplicados tinham como objetivo principal refletir sobre o trabalho do professor no âmbito da educação inclusiva, a fim de identificar as principais questões, desafios, dificuldades, anseios e dúvidas destes profissionais em relação à educação de alunos com Síndrome de Down. Ainda, buscavam analisar a importância do papel do professor nesse contexto, a fim de vislumbrar perspectivas de mudança para as questões relatadas, em caso de experiências negativas, e a relevância da interação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down.

Conforme dito anteriormente, o questionário semiestruturado foi construído previamente a partir de categorias de análise, a fim de facilitar a compreensão das perguntas por parte do sujeito participante, bem como para facilitar a construção da análise dos dados por parte do pesquisador, que também será feita por categorias, conforme veremos a seguir.

4.1 Formação docente

Nesta categoria, as professoras participantes foram solicitadas a responderem questões sobre sua formação docente. Inicialmente, buscou-se saber se as professoras já haviam participado de algum curso específico para trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE).

As professoras V. S. e E. M. responderam que só participaram de palestras, que ainda não foi possível participarem de cursos assim porque não há oferta suficiente e, também, porque o município não disponibiliza informações acerca do assunto. Já a professora H. C. respondeu que participou apenas de uma palestra no início do ano letivo de 2015. Disse, ainda, que não participou de outros eventos acerca da temática porque mora em uma localidade de difícil acesso e que quando surgiu uma oportunidade no município não foi notificada a tempo de se inscrever.

Quando questionadas sobre se a escola em que lecionam incentiva a participação do corpo docente em cursos específicos relacionados à educação dos alunos com necessidades especiais, as quatro professoras, de forma unânime, compartilharam da ideia de que não há incentivo da escola.

De acordo com Bergamo (2009, p. 61):

A escola inclusiva necessita de professores qualificados e capazes de planejar e tomar decisões, refletir sobre a sua prática e trabalhar em parcerias para responder respostas adequadas a todos os sujeitos que convivem numa escola. Portanto não basta a titulação. A formação dos profissionais é essencial para a melhoria do processo de ensino e para o enfrentamento das diferentes situações que a tarefa de ensinar implica.

Diante do que foi relatado pelas professoras, para que a inclusão de fato aconteça, faz-se necessário o envolvimento de diretores, docentes, funcionários da escola e família no planejamento de estratégias voltadas à inclusão. O gestor da escola tem o papel primordial de envolver-se na organização de reuniões pedagógicas e estimular os docentes a participarem de orientação e formação pedagógica, buscar apoio de especialistas que possam fornecer suporte e apoio para os educadores que trabalham com a educação inclusiva no ensino regular.

4.2 A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais

Nesta categoria, as professoras participantes foram solicitadas a responderem questões acerca dos seguintes aspectos: se a escola em que lecionam disponibiliza recursos pedagógicos específicos para se trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades especiais; quais são as principais barreiras que dificultam a inclusão de alunos com NEE na escola em que lecionam, tendo em vista os recursos físicos, materiais e pedagógicos disponíveis; se na escola em que trabalham há um planejamento educacional pedagógico para trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.

De acordo com as professoras A. E., V. S. e E. M., são poucos os recursos pedagógicos que a escola disponibiliza, sendo eles: jogo de memória, xadrez, dominó, quebra-cabeça, alfabeto móvel, dentre outros jogos didáticos. No que diz respeito a este ponto, a professora H. C. foi enfática em sua ponderação: “Não existem recursos, nem salas

específicas, simplesmente porque não foi pontuado no senso escolar e o MEC não tem conhecimentos desses alunos”. A fala das professoras demonstra que a escola não realiza o aproveitamento máximo de recursos que possam favorecer o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, Blanco (2004, p. 292) argumenta que:

Uma escola para a diversidade implica o aproveitamento máximo dos recursos materiais e humanos disponíveis e sua organização adequada. É preciso chegar a acordo sobre os critérios que devem orientar a seleção, a aquisição e a elaboração de materiais que facilitem o processo de ensino e de aprendizagem de todos os alunos da escola.

Ao serem questionadas acerca das principais barreiras que dificultam a inclusão de alunos com NEE na escola em que lecionam, tendo em vista os recursos físicos, materiais e pedagógicos, H. C. afirmou que a principal barreira é a falta de interesse da gestão em buscar parcerias que facilitem a acessibilidade, pois na escola não existem rampas, por exemplo, que deem acesso ao pátio, às quadras. Além disso, a docente afirmou que as portas são inadequadas ao acesso por um cadeirante, que a escola não tem tecnologia que facilite a vida dos alunos com necessidades especiais. Para as professoras V. S e E. M, a principal barreira é a falta de especialização para atuar em educação inclusiva. Elas ressaltaram, também, que não foram preparadas para atender às necessidades específicas desses alunos. Por seu turno, a professora A. E. respondeu que as principais barreiras são a ausência de Sala de Recursos Multifuncionais na escola, a falta de compromisso dos pais e a falta de capacitação específica para os professores.

De acordo com Rabelo e Amaral (2003, p. 213), “o governo deve subsidiar a qualificação do corpo docente e técnico da rede de ensino, para prestar atendimento às pessoas com necessidades educacionais especiais”. A qualificação acontecerá, preferencialmente, em parceria com as instituições de nível superior. Diante desta visão, podemos concluir que a educação inclusiva de qualidade é aquela que oferece, além da capacitação adequada dos profissionais, um ensino de qualidade a todos sem discriminação. E prepara todos os discentes para serem indivíduos críticos, reflexivos, capazes de desenvolverem habilidades e capacidades intelectuais para atuarem no mercado de trabalho.

Ainda nesta categoria, as professoras foram solicitadas a responderem se na escola em que trabalham há um planejamento educacional pedagógico para trabalhar com a inclusão de

alunos com necessidades educacionais especiais. Como resposta, todas as docentes compartilharam da ideia de que na escola o planejamento é voltado exclusivamente ao aluno “regular”, isto é, não inclui estratégias voltadas ao aluno com NEE.

Diante da afirmação das professoras, é percebido que a escola ainda não se adaptou totalmente à inclusão de alunos com NEE. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994):

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.

Tendo em vista o exposto acima, pode-se afirmar que, quando não há na escola um planejamento voltado também para o aluno com necessidades educacionais especiais, fica impossível oferecer um ensino significativo, pois ensinar é procurar descobrir os vários estilos e ritmos de aprendizagem, escolher estratégias diferenciadas para cada um; prover materiais adequados e criar um ambiente agradável para o estudo.

4.3 O professor e o trabalho docente com alunos com Síndrome de Down

Nesta categoria, as professoras participantes foram solicitadas a responderem questões sobre os seguintes aspectos: se buscam, em sala de aula, utilizar propostas pedagógicas que atendam às reais necessidades e especificidades do aluno com Síndrome de Down; como percebem a convivência dos alunos em sala de aula regular em relação aos colegas com Síndrome de Down; como se sentiram no primeiro contato docente com o aluno com Síndrome de Down; que considerações podem fazer sobre a inclusão escolar de alunos com Síndrome de Down na escola regular; qual é a relevância da interação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem desses alunos; quais são os principais desafios, questões, dificuldades, anseios e dúvidas em relação ao trabalho docente com alunos com Síndrome de Down; e que recomendações dariam para o professor que vai atuar em sala de aula com o

aluno com Síndrome de Down, considerando sua atuação e experiência docente com esses estudantes.

Quando perguntadas sobre se buscam, em sala de aula, utilizar propostas pedagógicas que atendam às reais necessidades e especificidades do aluno com Síndrome de Down, a professora E. M. afirmou que usa trabalhos com imagens e recortes de palavras para formar frases. Já a professora A.E disse que utiliza sempre jogos e brincadeiras lúdicas e tarefas xerocadas. Por sua vez, a professora H. C. afirmou que, às vezes, utiliza atividades que envolvem os alunos, deixando-os em contato uns com os outros, promovendo a interação nos trabalhos em grupo. Ela complementou, ainda, que falta a orientação de um especialista no assunto, pois na maior parte do tempo o aluno fica disperso e não se envolve no processo de ensino-aprendizagem.

Compartilhando da ideia da professora H. C., entende-se que a formação e o desenvolvimento profissional são condições importantes para que a inclusão aconteça com positividade:

Deve ficar claro que bons mediadores de classe são fruto de aprendizagem, eles não nascem bons. Sempre há aqueles poucos professores que são mediadores naturais, que tiveram muito pouca capacitação formal, e que simplesmente parecem saber o que fazer na maioria ou em todas as situações problemáticas. Entretanto, a maioria dos professores precisa de uma capacitação adequada para um bom manejo das aulas (STAINBACK, 2008, p. 336).

Assim, percebe-se que a falta de preparo dos docentes é um obstáculo, mas não um fator determinante para impedir a inclusão dos alunos com NEE nas classes regulares. O educador precisa estar consciente de sua responsabilidade e da importância do seu papel na aprendizagem e desenvolvimento desses educandos.

Foi solicitado às docentes que elas registrassem como percebiam a convivência dos alunos em sala de aula regular em relação aos alunos com Síndrome de Down. Além disso, as professoras foram solicitadas a descreverem suas percepções acerca do seu papel, enquanto educadoras, na mediação desse diálogo. Segundo a professora V. S., a convivência é razoável. Já de acordo com a professora A. E., “eles tratam bem os colegas com Síndrome de Down”. Ela afirmou, ainda, que sempre utiliza brincadeiras e dinâmicas que possam favorecer essa interação. A professora H. C. citou que esses alunos não querem se enturmar, se mantêm

afastados, ela percebe certa discriminação, porém procura sempre promover a aproximação entre eles, pois é na interação que o aluno aprende mais, em sua opinião.

Vale ressaltar que, para falar sobre preconceito e diferenças, é preciso entender o sentido da palavra “alteridade”, mencionado por Fernandes (2006, p. 3), que significa distinção, o outro que é distinto, diferente do mesmo. Nesse mesmo sentido, Silva (2000, p. 92) argumenta que:

Entendendo os seres como distintos uns dos outros e situando a identidade nessa distinção, não caberia nenhum tipo de discriminação, nem tampouco uma política de exclusão das diferenças. A diferença (a distinção) passa a ser, nesta visão, uma característica comum a espécie humana.

Por meio do questionário, foi solicitado, também, que as professoras falassem sobre o que sentiram em seu primeiro com o aluno com Síndrome de Down. As professoras A. E. e V. S. responderam que se sentiram angustiadas diante da nova situação, pois não estavam preparadas para atender às necessidades desses alunos. Já a professora E. M. disse que sua reação foi normal, apesar de não ter a formação específica para trabalhar com esses alunos, encarou normalmente a situação. Por sua vez, a professora H. C. afirmou que se sentiu impotente, pois não tinha orientação e não sabia como lidar com o aluno que não se abria com ela e muito menos com os colegas.

Quando indagadas sobre que considerações poderiam fazer sobre a inclusão escolar de alunos com Síndrome de Down na escola regular, as professoras responderam da seguinte forma:

De acordo com H. C., a inclusão ainda não está acontecendo, porque o corpo docente ainda não foi orientado para atender a essa demanda. As professoras E. M. e V. S. responderam que, para que a educação de alunos com Síndrome de Down aconteça com êxito, é preciso que as escolas criem condições para que todos os alunos, com ou sem necessidades especiais, possam atuar efetivamente nesse espaço. Para a professora A. E., é necessário entender que, apesar dos avanços referentes à educação inclusiva, ainda há muito a ser feito para um dia chegarmos à condição de ter a maioria das pessoas com necessidades educacionais especiais inseridas nas escolas regulares.

Diante da afirmativa da professora H. C., cabe mencionar o que diz Mantoan (2003, p. 31):

Infelizmente, ainda não estamos caminhando decisivamente na direção da inclusão, seja por falta de políticas públicas de educação apontadas para estes novos rumos, seja por outros motivos menos abrangentes, mas relevantes, como pressões corporativas, ignorância dos pais, acomodação dos professores.

As professoras que colaboraram com a pesquisa também foram solicitadas a opinarem sobre a relevância da interação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down. As respostas dadas foram as seguintes:

A professora A. E. disse que a importância da família é fundamental para o sucesso da educação dos filhos. Ainda, complementou que, atualmente, os pais têm deixado a responsabilidade da educação dos filhos somente para a escola.

De acordo com a professora H. C., é de suma importância para o desenvolvimento do discente, pois os pais precisam conhecer as propostas pedagógicas da escola, para poderem se envolver no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos.

Já as professoras V.S e E. M. concordam que é de grande relevância a relação entre família e escola, pois, por meio dessa parceria, os alunos podem alcançar um melhor desenvolvimento.

Neste contexto, Kelman (2010, p. 40) assegura que “a família é certamente o principal e o primeiro contexto de desenvolvimento no qual o ser humano vive. Suas experiências dentro do seio familiar o marcarão por toda a vida”. Na opinião de Barros e Menezes (2010, p. 49-50):

A família deve ser motivada a colaborar e participar do programa educacional, pois a qualidade de interação, entre pais e filhos produz efeitos importantes no desenvolvimento das áreas cognitivas, linguísticas e socioemocionais das crianças com SD. É comum observarmos na criança Down alterações severas de internalizações de conceitos de tempo e espaço, que dificultarão muitas aquisições e refletirão especialmente em memória e planificação, além da aquisição de linguagem.

Ao serem questionadas sobre os principais desafios, questões, dificuldades, anseios e dúvidas em relação ao trabalho docente com alunos com Síndrome de Down, as professoras E. M. e V. S. concordaram que os principais desafios são a falta de experiência dos

profissionais que recebem esses alunos, no sentido de não terem uma formação adequada para atender às suas reais necessidades.

Segundo Werneck (1995, p. 164) “os portadores de síndrome de Down têm capacidade de aprender, dependendo da estimulação recebida e da maturação de cada um. O desenvolvimento efetivo e emocional da criança também adquire papel importante”. Como podemos perceber, as afirmações desses autores reforçam a opinião das professoras sobre os aspectos levantados anteriormente.

Por fim, as docentes foram solicitadas a descrever que recomendações dariam para um professor que vai atuar em sala de aula com o aluno com Síndrome de Down. A professora E. M. recomendou que o professor deve procurar entender as necessidades dos alunos, para que a partir daí possa desenvolver estratégias que favoreçam a sua aprendizagem. Por sua vez, a professora A. E. aconselhou que o docente deve utilizar atividades em grupo para que esses alunos possam aprender sempre com os demais, pois, de acordo com ela, esses alunos somente conseguem aprender na escola quando se sentem aceitos e compreendidos. Já a professora V. S. aconselharia o docente a conhecer os diagnósticos desses alunos, antes de iniciar seus trabalhos em sala de aula. A professora H. C. recomendaria que o professor deixasse transparecer amor e paciência e que dispusesse, ao máximo, sua atenção para com esse aluno, pois agindo assim, na opinião dela, ele vai se sentir mais seguro e incluso.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender”

Marion Welchmann

Esta pesquisa teve a intenção de refletir sobre o trabalho do professor de ensino fundamental no âmbito da educação inclusiva, tendo como contexto uma escola pública do município de Carinhanha (BA), a fim de identificar as principais questões, desafios, dificuldades, anseios e dúvidas destes profissionais em relação à educação de alunos com Síndrome de Down.

Todas as etapas da pesquisa foram de grande relevância para a compreensão do tema proposto, pois proporcionaram conhecimentos importantes sobre a inclusão de alunos com Síndrome de Down em escolas regulares.

Por meio das respostas fornecidas pelas professoras participantes desta pesquisa, foi possível conhecer os desafios presentes na educação de alunos com Síndrome de Down e as inúmeras dificuldades que o docente encontra para atender às reais necessidades desses educandos.

Também, foi possível observar que o papel do professor no processo de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) é de fundamental importância. A falta de experiência para enfrentar as questões e os desafios do cotidiano escolar são o que conduz o educador a repensar as suas práticas pedagógicas e a buscar estratégias criativas e recursos que facilitem a aprendizagem desses educandos.

Os dados coletados por este estudo apontaram, ainda, que trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais é um grande desafio. Segundo as docentes participantes desta pesquisa, a inclusão de alunos com NEE é garantido por lei, mas a escola ainda não está totalmente apta para receber esses educandos, devido, principalmente, a fatores como: in experiência por parte dos docentes, ausência de recursos pedagógicos, estrutura física da escola inadequada, falta de sala de recursos e tecnologia, dentre outros.

Partindo do princípio de que a família é o primeiro contexto que influencia no desenvolvimento da criança com Síndrome de Down, as educadoras deixaram claro que é

preciso promover a integração e parceria entre família e escola, de maneira que os pais conheçam as propostas pedagógicas da instituição para poderem se envolver no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos.

Em última instância, cabe ressaltar que, para que a escola seja um contexto inclusivo e que atenda às especificidades de cada educando, respeitando a diversidade cultural nela existente, é essencial que tanto os professores como toda a equipe escolar e pais procurem se capacitar e, assim, desenvolver estratégias democráticas, aliando teoria e prática, a fim de que a escola se torne um espaço em que todos se sintam parte.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fátima. **Para Entender a Síndrome de Down**. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2007.
- BARROS, M. L. L.; MENEZES, D. J. de. A criança com Síndrome de Down e as dificuldades de aprendizagem. **Revista Pedagógica**, ano XIII, n. 52, p. 48-50, nov. 2009.
- BERGAMO, Regiane Banzatto. **Pesquisa e prática profissional: educação especial**. Curitiba: Editora Ibpx, 2009.
- BLANCO, Rosa. A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação. Transtornos de desenvolvimento e necessidades especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3 v.
- CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- CRUZ, Vilma Aparecida Gimenes da. **Pesquisa em educação: pedagogia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educacionais especiais. Espanha: Salamanca, 1994.
- FACION, José Raimundo. **Inclusão escolar e suas implicações**. 2. ed. Curitiba: Editora Ibpx, 2009.
- FERNANDES, Idília. O lugar da identidade e das diferenças nas relações sociais. **Revista Virtual Textos e Contextos**, n. 6, dez. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index>>. Último acesso em: 20 out. 2015.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUIMARÃES, Tânia Mafra (Org). **Educação inclusiva: construindo significados novos para a diversidade**. Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2002.
- KELMAN, C. A. Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010MACIEL, D. A.; RAPOSO, M. B. T. Metodologia e construção do conhecimento:

contribuições para o estudo da inclusão. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MILANI, Denise. **Down, Síndrome de: como – onde – quando – porque**. São Paulo: Livro Pronto, 2005.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Editora Porto, 2002.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. (Coord.). **As crianças: Contextos e Identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

RABELO, Annete Scotti; AMARAL, Inez Janaina de Lima. A formação do professor para a inclusão escolar: questões curriculares do curso de Pedagogia. In: LISITA, Verbena Moreira S. de S.; SOUZA, Luciana Freire E. C. P. **Políticas Educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Nara Liliana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Síndrome de Down: etiologia caracterização e impacto na família. **Revista Interação em Psicologia**, jul./dez. 2002.

STAINBACK, S. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VOIVODIC, Maria Antonieta Machado de Almeida. **Inclusão escolar de crianças de crianças com Síndrome de Down**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

WERNECK, C. **Muito prazer, eu existo**. Rio de Janeiro: WVA, 1995.

YIN, Robert. **Case Study Research: Design and Methods**. 2. ed. CA: Thousand Oaks, 1994.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES (MODELO)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Caro(a) professor(a). Meu nome é Tatiana Azevedo Trindade, sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, ofertado pelo Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PED) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília, por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O presente questionário foi elaborado para subsidiar a construção dos dados que compõem a minha monografia de conclusão do curso acima referido. Peço, por favor, que responda às questões abaixo com a maior sinceridade possível. Ressalto que sua identidade será mantida em sigilo durante todo o processo de construção e divulgação dos dados.

Desde já, agradeço pela sua participação e colaboração.

Tatiana Azevedo Trindade.

Dados de identificação

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: ____ anos

Escolaridade: () Ensino Médio () Ensino Superior () Especialização () Mestrado
 () Doutorado

Área de formação acadêmica: _____

Tempo de docência: ____ anos

Quanto tempo de atuação em docência com alunos com necessidades educacionais especiais (NEE): ____ anos

Categoria 1: Formação docente

1. Você já participou de algum curso específico para trabalhar com a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Em caso positivo, diga de quantos já participou e como estes contribuíram para ampliar o seu olhar em relação à educação inclusiva. Se não, por que ainda não foi possível participar?

2. A escola em que você trabalha incentiva a participação do corpo docente em cursos específicos relacionados à educação de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Por favor, justifique sua resposta.

Categoria 2: A escola e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais

1. A escola em que você trabalha disponibiliza recursos pedagógicos específicos para se trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades especiais (NEE)? Se sim, quais? Se não, por que você acha que isso não acontece?

2. Observando a estrutura da escola em que trabalha, no que diz respeito aos recursos físicos, materiais e pedagógicos, quais são as principais barreiras, em sua opinião, que dificultam a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Por favor, justifique sua resposta.

3. Na escola em que você trabalha, há um planejamento educacional pedagógico para trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)? Se sim, descreva como ele é desenvolvido.

Categoria 3: O professor e o trabalho docente com alunos com Síndrome de Down

1. Você busca, em sala de aula, utilizar propostas pedagógicas que atendam às reais necessidades e especificidades do aluno com Síndrome de Down? Se sim, descreva, pelo menos, três delas.

2. Como você percebe a convivência dos alunos em sala de aula regular em relação aos colegas com Síndrome de Down? Qual é a sua percepção acerca do seu papel na mediação desse diálogo?

3. No seu primeiro contato docente com o aluno com Síndrome de Down, o que você sentiu? Por favor, descreva.

4. Que considerações você pode fazer sobre a inclusão escolar de alunos com Síndrome de Down na escola regular?

5. Em sua opinião, qual é a relevância da interação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down? Por favor, justifique sua resposta.

6. Em sua opinião, quais são os principais desafios, questões, dificuldades, anseios e dúvidas em relação ao trabalho docente com alunos com Síndrome de Down?

[illegible]

7. Que recomendações você daria para o professor que vai atuar em sala de aula com o aluno com Síndrome de Down? Por favor, comente a resposta tendo como base a sua atuação e experiência docente com esses alunos.

[illegible]

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: _____

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a)

que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^ª Dr^ª Diva Albuquerque Maciel**

ANEXO B – CARTA DE ACEITE INSTITUCIONAL



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa

_____, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre.

O estudo envolve a realização de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável*) do(a) *nome completo da instituição onde os dados serão coletados*, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de sua corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____(local), ____/____/_____(data).

Nome do (a) responsável pela instituição

Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSOR



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____.
(*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional):
